

O que pode querer o Zaratustra de Nietzsche segundo a interpretação de Heidegger: acerca da redenção da vingança do tempo contra o tempo

Lucas de Moura Justino Souza

Doutorando em Filosofia no PPGF da UFRJ

Bolsista da CAPES

<http://lattes.cnpq.br/9593412174652707>

lucasmourajs@gmail.com

63

O objetivo deste trabalho é o de propor um diálogo entre as filosofias de Nietzsche e Heidegger para investigar o sentido do querer de Zaratustra. A partir da conferência *Quem é o Zaratustra de Nietzsche?* (1953), Heidegger entende Zaratustra não somente como um personagem literário, mas como figura que expressa uma época histórica marcada pela consumação da metafísica e pelo niilismo. Assim, o anúncio da “morte de Deus” é visto como o colapso das instâncias transcendentais, desestabilizando os fundamentos do real.

Zaratustra surge como porta-voz da vida, da dor e do círculo, símbolos que Heidegger interpreta como expressões da vontade de poder e do eterno retorno do mesmo. A vontade de poder é o princípio que define o real como devir constante. O eterno retorno, por sua vez, indica a aceitação afirmativa da totalidade do tempo (passado, presente e futuro) como dimensões confluentes. Nesse cenário, a redenção da vingança torna-se central. Vingança é compreendida como ressentimento da vontade contra o que passou, contra o “foi assim”. Redimir o tempo significa reconciliar-se com ele, inclusive com o passado, de modo que a vontade possa querer para trás. Assim, a superação da vingança metafísica conduz à afirmação da vida em sua transitoriedade.

Pode-se dizer que Heidegger entende que o ensinamento de Zaratustra, ao invés de fornecer um caminho estável, aponta para o abandono de caminhos fixos, *aprendendo a desaprender*. Contudo, Heidegger também vê limites na filosofia nietzschiana: embora ela critique a metafísica, ainda está presa à lógica da vontade como fundamento. Por isso, ela não escapa do esquecimento do ser. O pensamento de Nietzsche aparece, assim, como o fechamento da metafísica e não sua superação. Neste contexto, a vontade de poder

torna-se uma subjetividade incondicionada, marcando uma era em que tudo se desenrola no plano ôntico e técnico do devir.

Portanto, o querer de Zaratustra permanece preso ao tempo histórico em que se manifesta: um tempo em que o ser é silenciado e a vontade afirma apenas a si mesma. Ainda assim, sua mensagem revela uma tentativa corajosa de afirmar a vida em meio ao deserto do niilismo.

64

Palavras-chave: Heidegger. Nietzsche. História da Metafísica. Niilismo.

Bibliografia

CABRAL, A. *Niilismo e hierofania: Uma abordagem a partir do confronto entre Nietzsche, Heidegger e a tradição cristã*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2015, v. 2.

CRAGNOLINI, M. Nietzsche por Heidegger: contrafiguras para uma perda. *Cadernos Nietzsche* 10, p. 11-25, 2001.

HEIDEGGER, M. A palavra de Nietzsche “Deus morreu”. In: *Caminhos de floresta*. Tradução de Alexandre Franco de Sá. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2012, p. 241-305.

_____. Quem é o Zaratustra de Nietzsche? In: HEIDEGGER, M. *Ensaio e conferência*. Tradução: Gilvan Fogel. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 87-110.

_____. Vontade de poder como conhecimento. In: HEIDEGGER, M. *Nietzsche*. Tradução: Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense, 2014, p. 333-462.

MACHADO, R. *Zaratustra, tragédia nietzschiana*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

NIETZSCHE, F. *Assim falou Zaratustra*. Tradução de Mário da Silva. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1983.